

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Uma Cinemateca em Chamas - Histórias de Projeção e Projecionistas
26 e 31 de Janeiro de 2026

AUTREMENT, LA MOLUSSIE / 2012

um filme de NICOLAS REY

Realização, Imagem, Montagem e Produção: Nicolas Rey / **Argumento:** Nicolas Rey, baseado no livro de Günther Anders, *Die Molussische Katakombe* / **Colaboração de:** Nathalie Nambot / **Com:** Peter Hoffman / **Cópia:** em 16mm, de Nicolas Rey, falada em alemão e legendada electronicamente em português / **Duração:** 81 minutos / **Primeira apresentação pública:** 16 de Fevereiro de 2012 (Grande Prémio do Festival *Cinéma du Réel* de 2012) / **Primeira apresentação em Portugal:** Outubro de 2012, Festival DocLisboa / Inédito comercialmente em Portugal / Primeiras exibições na Cinemateca: 2 e 21 de Março de 2015, Ciclo “Nicolas Rey: Realizador Convidado”.

com a presença de Nicolas Rey na sessão de dia 31

Autrement, La Molussie é exibido juntamente com **Projection Instructions**, de Morgan Fisher (folha distribuída em separado).

*[Olo] O ar que respiras, não o sentes.
Só quando desaparece é que aprecias o seu valor.
Só quando sentes falta é que tens noção de como é indispensável.
De facto, nós somos como o ar para ti.'*

“A invisibilidade do positivo”, queixou-se Yegussa após algum tempo, sempre me confundiu. Afinal de contas, somos materialistas: o que existe é visível. E o que não existe é invisível.’

*Em vez de responder, Olo perguntou:
"Como estás de saúde?"*

excerto do diálogo entre Olo e Yegussa no fragmento "O positivo é invisível" (de *A Catacumba da Molússia*, de Günther Anders)

Nicolas Rey, realizador nascido em França em 1968 é autor de uma filmografia curta, que apresenta uma densidade e um rigor invulgares, que mostrámos em contexto num Ciclo que lhe dedicámos enquanto “Realizador Convidado”, que decorreu em Março de 2015 na Cinemateca. Um programa que começava e terminava com **Autrement, La Molussie**, e que associava os três últimos filmes de Nicolas Rey a uma constelação de obras muito importantes para o seu trabalho, como filmes de Nathalie Nambot, a sua companheira, que participou na realização de **Autrement, La Molussie**, ou de Maki Berchache e Alexandr Balagura, amigos próximos, que não só colaboram nos trabalhos uns dos outros, como comungam com Ray um modo muito particular de fazer cinema. Todos eles partilham uma vontade de filmar em película cinematográfica no momento do seu abandono pela indústria, prática comum a muitos artistas plásticos, que é conduzida no momento da obsolescência da película, sem que a dificuldade de acesso à mesma tenha ditado a desistência de filmar.

E todos eles partilham ainda o desejo de um cinema atravessado por uma explícita dimensão política, mas também por uma ideia de viagem e uma rara poesia. Rey pensou assim um programa em que o trabalho da matéria das imagens e dos sons e das originais relações que se estabelecem entre estas duas entidades é indissociável do real filmado e de um olhar extremamente comprometido com o que se filma, perspectiva que se estende dos filmes mais obscuros aos títulos mais conhecidos. Um programa que envolveu ainda a selecção por parte de Rey de filmes de cineastas de gerações anteriores, como Danièle Huillet e Jean-Marie Straub, Marguerite Duras, James Benning ou Sokurov, que assim alargou a sua constelação de referências e influências, permitindo-nos novas leituras sobre a sua obra.

Como é expresso nos originais cartões que introduzem os nove capítulos de **Autrement, La Molussie**, este é um filme "integralmente feito à mão", salientando-se assim a sua componente duplamente materialista e artesanal. Desenvolvido no interior do L'Abominable, o laboratório cinematográfico partilhado que funciona junto às portas de Paris desde 1996, de que Rey é um dos fundadores, e que tem acolhido inúmeros projectos de realizadores e artistas que pretendem imprimir e revelar as cópias dos seus próprios trabalhos, **Autrement, La Molussie** revela-se um território de fértil experimentação. Experimentação plástica em torno das características físicas das imagens e da sua matéria, e experimentação em torno das produtivas relações que se podem estabelecer no cinema entre um texto de origem literária, o som e as imagens, explorando-se a complexidade das possibilidades de relação e de disjunção entre a "banda de som" e a "banda de imagem". A propósito de **Traité de Bave et d'Eternité** (1951) filme letrista que mostrámos na Cinemateca no mesmo dia que uma das anteriores exhibições de **Autrement, La Molussie**, Isidore Isou, o seu autor, referia-se a este tipo de experiências em torno da dissociação entre o som e a imagem, como um "cinema discrepante".

Primeira transposição de um texto literário para o cinema efectuada por Nicolas Rey, **Autrement, La Molussie** parte de fragmentos de um romance de Günther Anders, uma poderosa alegoria antifascista sobre um "país imaginário" (a Molússia) escrito durante a ascensão do fascismo na Alemanha. Texto raríssimo redigido entre 1932 e 1936, mas só publicado em 1992, o ano da morte do escritor, e muito pouco traduzido noutras línguas que não alemão, *Die Molussische Katakombe* apresenta já em si uma natureza fragmentária, pois assenta em narrativas relativamente independentes que consistem nos diálogos estabelecidos entre prisioneiros de um estado fascista confinados a uma catacumba. Menos conhecido que Hannah Arendt, com quem era casado na altura em que escreveu este livro, ou próximo de Walter Benjamin (de quem era primo), de Husserl ou Heidegger (com os quais estudou), Günther Anders é um nome a reter pela sua importante crítica da técnica, que propõe mais claramente no livro "*A Obsolescência do Homem*", mas de que *Die Molussische Katakombe* será certamente um prenúncio. Tratava-se de um texto altamente crítico sobre a ascensão do fascismo, num período particularmente crítico para a história da humanidade, que agora tantas vezes é evocado. É importante referir que só em 2025 foi traduzida para português pela Antígona a primeira obra deste filósofo de origem judaica: *Nós, filhos de Eichmann: carta aberta a Klaus Eichmann*, datado de 1964.

Instigado por amigos conhecedores da língua alemã, que lhe traduziram fragmentos do livro, que não estava traduzido para francês, Rey acabou por seleccionar um conjunto de passagens do mesmo, que combinou com a beleza extrema de paisagens da Rússia, país

com o qual revela uma profunda ligação associada à tradição comunista da sua família e em concreto do pai. Rey parte da estrutura fragmentada do livro, mas também da sua dimensão alegórica, para construir um verdadeiro "filme-puzzle", que assentará num princípio de aleatoriedade de construção. Aleatoriedade baseada numa permanente reconfiguração da ordem das nove bobines a projectar em cada sessão, cuja sequência é determinada por nove cartões coloridos, que correspondem aos vários capítulos/bobines do filme. Estes são baralhados e ordenados antes da projecção, o que faz de cada exibição um acontecimento único, dando origem a diferentes construções de sentido. Inteiramente realizado de modo artesanal pelo próprio realizador (da filmagem, à revelação dos negativos, até à produção das cópias), **Autrement, La Molussie** apresenta ainda uma outra particularidade material que o torna especial: foi filmado em película 16 mm já fora de prazo, o que lhe garante uma tonalidade azul-esverdeada invulgar.

Se na primeira projecção do filme na Cinemateca em 2015 parecia fazer todo o sentido projectar primeiro o "capítulo", "O Positivo é Invisível", em que o diálogo citado em epígrafe se combinava com fábricas e paisagens campestres, seguindo-se o "capítulo", "O Regresso à Natureza", cujos primeiros planos representavam grandes árvores cujas raízes procuram romper com o alcatrão, nestas projecções encontraremos certamente outros sentidos para um filme necessariamente "aberto", que aponta vários destinos possíveis para a Molússia, o país imaginário "imaginado" por Günther Anders, que encontra a sua correspondência numa paisagem em profunda transformação

Joana Ascensão